ISSN: 2675-7222

SAS
South American Sciences

A DUPLA EMPATIA E OS DESAFIOS DE TRADUÇÃO NOS RELACIONAMENTOS DE ADULTOS NO ESPECTRO

DOUBLE EMPATHY AND TRANSLATION CHALLENGES IN RELATIONSHIPS INVOLVING ADULTS ON THE SPECTRUM

https://doi.org/10.63330/sasciencesv6n2-270

Submetido em: 11/10/2026 e Publicado em: 29/10/2026

SAS: e26499

Marta Batista de Souza Neta
Mestra em Psicologia da Saúde

Resumo

O presente estudo analisa a vulnerabilidade intersecional de mulheres adultas no Transtorno do Espectro Autista (TEA) em relacionamentos afetivos abusivos, investigando os fatores cognitivos, sociais e estruturais que facilitam dinâmicas de manipulação e controle coercitivo. Adotou-se como procedimento metodológico a revisão integrativa da literatura, operada por meio de cruzamentos sistemáticos nas bases de dados SciELO, PubMed, Scopus e Portal de Periódicos CAPES, fundamentando a análise sob a ótica da Teoria da Dupla Empatia e dos conceitos de injustiça epistêmica. Os resultados apontam que características intrínsecas ao autismo feminino, tais como o custo metabólico do *masking* social, a preferência por sistemas linguísticos de baixo contexto, a alexitimia e a disfunção interoceptiva, são deliberadamente instrumentalizadas por parceiros agressores. Evidencia-se que as práticas de *gaslighting* diagnóstico transmutam as reações legítimas da vítima ao trauma em supostos sintomas do espectro, gerando uma profunda injustiça hermenêutica. Adicionalmente, o estado crônico de *burnout* autista acarreta o colapso das funções executivas, empurrando a mulher neurodivergente ao desamparo aprendido e inviabilizando os recursos práticos necessários para o rompimento do ciclo de violência. Conclui-se pela urgência de implementar o letramento neurodivergente institucional nas redes de apoio sociojurídico e nas delegacias especializadas, assegurando um acolhimento adaptado que garanta a segurança epistêmica e o efetivo acesso à justiça para as mulheres autistas.

Palavras-chave: Autismo Feminino; Controle Coercitivo; Injustiça Epistêmica; Relacionamentos Abusivos; Transtorno do Espectro Autista.

Abstract

This study analyzes the intersectional vulnerability of adult women on the Autism Spectrum Disorder (ASD) in abusive romantic relationships, investigating the cognitive, social, and structural factors that facilitate dynamics of manipulation and coercive control. The methodological procedure adopted was an integrative literature review, executed through systematic searches in SciELO, PubMed, Scopus, and CAPES Journals Portal databases, grounding the analysis under the framework of the Double Empathy Theory and the concepts of epistemic injustice. The results indicate that intrinsic characteristics of female autism, such as the metabolic cost of social masking, the preference for low-context linguistic systems, alexithymia, and interoceptive dysfunction, are deliberately instrumentalized by abusive partners. It is evidenced that practices of diagnostic gaslighting transmute the victim's legitimate reactions to trauma into supposed symptoms of the spectrum, generating a profound hermeneutical injustice. Additionally, the chronic state of autistic burnout leads to a collapse of executive functions, pushing the neurodivergent woman into learned helplessness and rendering the practical resources necessary to break the cycle of violence nonviable. The study concludes with an urgent need to implement institutional neurodivergent literacy in social-legal support networks and specialized police stations, ensuring an adapted reception that guarantees epistemic safety and effective access to justice for autistic women.

Keywords: Abusive Relationships; Autism Spectrum Disorder; Coercive Control; Epistemic Injustice; Female Autism.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é conceitualizado contemporaneamente como uma condição do neurodesenvolvimento pervasiva, caracterizada por variações atípicas na comunicação social, na interação interpessoal e nos padrões de comportamento, os quais se manifestam através de focos de interesse restritos e idiossincrasias sensoriais (American Psychiatric Association, 2023). Historicamente associado a fenótipos e estereótipos predominantemente masculinos, o autismo em indivíduos do sexo feminino enfrentou um longo período de subdiagnóstico e invisibilização acadêmica (Baron-Cohen, 2008). Estudos recentes indicam que as mulheres no espectro frequentemente desenvolvem estratégias altamente sofisticadas de camuflagem social, conhecidas como *masking*, com o intuito de mimetizar comportamentos neurotípicos e mitigar a exclusão social (Hull *et al.*, 2020). Contudo, essa adaptação forçada ocorre sob um elevado custo cognitivo e metabólico, mascarando traços clínicos e postergando o diagnóstico formal muitas vezes até a idade adulta (Dockett; Hull, 2020; Souza, 2022).

Se por um lado o diagnóstico tardio priva a mulher autista de suporte terapêutico adequado, por outro, insere-a em um cenário de acentuada vulnerabilidade intersecional no âmbito das relações afetivas.

A literatura internacional de fronteira alerta para uma realidade alarmante: mulheres inseridas no espectro autista enfrentam um risco drasticamente maior de exposição a abusos interpessoais e violência doméstica quando comparadas a mulheres neurotípicas, com estimativas indicando que a vasta maioria das adultas diagnosticadas já vivenciou alguma forma de agressão ou exploração na esfera íntima (Simon, 2021). Essa desproporcionalidade epidemiológica é agravada por uma assimetria estrutural, uma vez que as redes de proteção social e os marcos legais de combate à violência de gênero frequentemente desconsideram as especificidades cognitivas e sensoriais da neurodivergência (Souza, 2022).

A intersecção entre o autismo feminino e as dinâmicas predatórias ganha contornos complexos a partir do momento em que características intrínsecas ao espectro tornam-se passíveis de instrumentalização e captura por parceiros agressores. O descompasso na leitura de pistas implícitas, teorizado pela Teoria da Dupla Empatia (Milton, 2012), somado à exaustão crônica decorrente do *masking* e a déficits neuropsicológicos como a alexitimia, cria um terreno fértil para a aplicação de táticas de controle coercitivo e abuso psicológico continuado (Kaplan, 2021; Simon, 2021). Entre essas manobras, destaca-se o uso do *gaslighting* diagnóstico, uma estratégia refinada na qual o agressor utiliza as próprias características e vulnerabilidades da parceira autista para invalidar seu testemunho e transmutar o ato violento em uma suposta crise endógena do espectro (Simon, 2021). Diante dessa problemática, emerge a seguinte questão norteadora: Quais fatores cognitivos, sociais e estruturais ampliam a vulnerabilidade de **mulheres autistas** adultas diante de dinâmicas de abuso e manipulação psicológica em relacionamentos afetivos?

Para responder a este problema, este estudo estabelece como objetivo geral analisar a literatura científica contemporânea de modo a identificar os principais eixos que expõem mulheres no espectro autista a parceiros abusivos, delimitando os mecanismos de captura de suas características neurobiológicas e as barreiras que impedem o rompimento autônomo do ciclo de violência. Como objetivos específicos, a pesquisa propõe-se a:

- a) Discutir o impacto do *masking* de gênero e do *burnout* autista na perda das funções executivas da vítima;
- b) Descrever a assimetria comunicacional provocada pelo choque entre sistemas linguísticos de baixo e alto contexto; e
- c) Investigar como a alexitimia e a disfunção interoceptiva são instrumentalizadas pelo agressor como vetores de injustiça hermenêutica e desamparo aprendido.

A justificativa para a realização desta pesquisa repousa na urgência acadêmica e social de conferir visibilidade a uma modalidade de violência de gênero duplamente silenciada. Sob a perspectiva teórica, o estudo contribui para o avanço da sociologia do autismo e da psicologia forense ao afastar-se de visões puramente patologizantes e individuais, adotando uma leitura crítica pautada na assimetria de poder e na injustiça epistêmica sofrida por minorias neurológicas (Milton, 2012). Sob a perspectiva social e prática, a

investigação justifica-se pela necessidade premente de subsidiar políticas públicas e fornecer subsídios teóricos para a formulação de protocolos de atendimento inclusivos nas redes de acolhimento sociojurídico, garantindo que o acesso à justiça e a preservação da dignidade humana alcancem efetivamente as mulheres neurodivergentes.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO

Com base nos dados analisados, as dificuldades de relacionamento do adulto autista estruturam-se em três eixos principais:

2.1 SOBRECARGA, O CUSTO METABÓLICO DO *CAMOUFLAGING* E A FADIGA DA TRADUÇÃO SOCIAL (*MASKING*)

Para o adulto inserido no Transtorno do Espectro Autista (TEA), a manutenção e o gerenciamento de um relacionamento amoroso demandam um espaço cognitivo e atencional contínuo e deliberado, caracterizado pela decodificação analítica de pistas não verbais, microexpressões, subtextos, ironias e expectativas sociais implícitas que indivíduos neurotípicos processam de forma modular e intuitiva. Esse processo de adaptação forçada é conceitualizado na literatura como *camouflaging* ou *masking* (camuflagem social) (Hull *et al.*, 2020). O *masking* não se resume a um mero comportamento imitativo ou cosmético; ele constitui uma estratégia de sobrevivência psicossocial altamente desgastante, envolvendo a supressão crônica de comportamentos autoestimulatórios de autorregulação (*stimming*) e a performance ativa de uma persona neurotípica artificializada. No caso específico das mulheres autistas, o fenômeno assume contornos ainda mais complexos devido à socialização de gênero, que historicamente cobra das mulheres maior sensibilidade empática, expressividade e inteligência social, forçando-as a desenvolver táticas de camuflagem tão sofisticadas que frequentemente camuflam o próprio diagnóstico até a idade adulta (Dockett; Hull, 2020; Souza, 2022).

Essa vigilância cognitiva ininterrupta opera sob um altíssimo custo metabólico e neurológico, cujo esgotamento prolongado culmina inevitavelmente no *burnout* autista. Diferente do burnout ocupacional clássico, o burnout autista é uma síndrome multidimensional caracterizada pelo colapso total das funções executivas, exaustão física e mental crônica, hipersensibilidade sensorial agudizada e uma perda temporária, mas severa, de habilidades adaptativas previamente adquiridas (Raymaker *et al.*, 2020; Kaplan, 2021). No contexto da dinâmica conjugal, esse esgotamento precipita o que a literatura especializada denomina "desencontro crônico de ritmos" ou assincronia intersubjetiva. Após longos períodos de exposição a demandas sociais e sensoriais exógenas (como o ambiente de trabalho ou interações acadêmicas), o adulto autista atinge o limiar de sua capacidade de saturação neurológica. Para evitar um colapso comportamental (*meltdown*) ou uma dissociação por sobrecarga (*shutdown*), o indivíduo necessita

imperativamente de períodos de isolamento vicariante, privação sensorial e silêncio absoluto para fins de homeostase e autorregulação.

No entanto, o espaço privado do relacionamento frequentemente falha em operar como um ambiente de descompressão segura. Parceiros neurotípicos, desprovidos de letramento neurodivergente e operando sob a lógica da reciprocidade afetiva convencional, tendem a decodificar erroneamente essa retirada neurológica e o subsequente embotamento expressivo temporário através de vieses personalistas. A necessidade biológica de isolamento do autista é sistematicamente interpretada pelo cônjuge como frieza intencional, apatia crônica, abandono punitivo ou declínio do interesse afetivo-romântico. Esse desencontro hermenêutico instaura um ciclo de conflitos crônicos e polarização: quanto mais o parceiro neurotípico pressiona por engajamento socioemocional e validação, mais o indivíduo autista experimenta o vínculo como uma extensão da sobrecarga social, aprofundando o sentimento de invalidação mútua, solidão existencial a dois e inadequação ontológica em ambas as partes (Simon, 2021).

2.2 COMUNICAÇÃO DIRETA *VERSUS* EXPECTATIVAS DE SUBTEXTO

A expressão do afeto no autismo adulto tende a ser pragmática, pautada em ações utilitárias e na honestidade radical, em detrimento de convenções românticas abstratas (Attwood, 2019). Adultos autistas frequentemente comunicam-se de forma literal, o que pode ser percebido pelo parceiro neurotípico como falta de tato, grosseria ou rigidez cognitiva. A incapacidade de prever ou decodificar demandas emocionais não verbalizadas — comumente operadas em "jogos emocionais" relacionais — cria um ambiente de constante ansiedade para o indivíduo no espectro, que se vê cobrado por comportamentos que não consegue identificar ou replicar de maneira intuitiva (Simon, 2021).

Sob a ótica da teoria da comunicação, a dinâmica comunicacional no autismo adulto é caracterizada por uma preferência estrita por sistemas linguísticos de **baixo contexto**, nos quais a mensagem é transmitida de forma explícita, direta e autoevidente (Milton, 2012). Essa literalidade contrasta drasticamente com os padrões neurotípicos de **alto contexto**, que dependem estruturalmente de subtextos, inferências, pistas sutis e do cenário compartilhado. Essa disjunção comunicativa gera uma vulnerabilidade intersubjetiva profunda, a qual pode ser instrumentalizada por agressores. Parceiros abusivos utilizam de forma deliberada mensagens ambíguas, duplo sentido e punições relacionais como o tratamento de silêncio (*stonewalling*), sabendo que a incapacidade da vítima autista de processar nuances implícitas provocará nela um estado crônico de desorientação e dependência interpretativa (Simon, 2021; Souza, 2022).

2.3 A ALEXITIMIA, A DISFUNÇÃO INTEROCEPTIVA E A BARREIRA NA EXPRESSÃO SOMATO-EMOCIONAL

A prevalência expressiva e clinicamente documentada de alexitimia — estimada em até 50% a 70% da população adulta no Transtorno do Espectro Autista (TEA) — atua como um dos fatores mais severos de agravamento dos ruídos e da entropia na dinâmica a dois (American Psychiatric Association, 2023; Bourgeron, 2022). Longe de ser sinônimo de apatia ou anedonia, a alexitimia consiste em um déficit neuropsicológico de processamento cognitivo-emocional que se manifesta na incapacidade crônica de identificar, diferenciar, nomear e verbalizar as próprias emoções e estados afetivos (Kaplan, 2021). No indivíduo autista, essa barreira é intensificada por uma disfunção interoceptiva, caracterizada pela dificuldade biológica de mapear e interpretar os sinais neurofisiológicos do próprio corpo, como batimentos cardíacos, tensão muscular e respiração (Raymaker *et al.*, 2020). Consequentemente, o indivíduo experimenta estados de amor, angústia ou medo com intensidade avassaladora em nível somático, mas falha no processo de tradução e categorização psicológica desses estímulos, sendo incapaz de modular uma resposta expressiva inteligível para o ambiente externo (Attwood, 2019).

No ecossistema conjugal, essa assimetria cinestésica e expressiva instaura barreiras de incompreensão mútua. O adulto autista pode nutrir um profundo apego e afeto romântico pelo parceiro, contudo, sua manifestação afetiva não se traduz nas microexpressões faciais esperadas, na linguagem corporal normativa ou na validação verbal espontânea demandada pelo padrão neurotípico (Baron-Cohen, 2008; Simon, 2021). Essa dissociação entre a experiência emocional interna e a sua exteriorização comportamental — frequentemente percebida como um semblante neutro ou inexpressivo — é interpretada de maneira personalista pelo cônjuge como frieza, distanciamento voluntário ou hostilidade velada (Simon, 2021). Da mesma forma, quando o indivíduo autista atinge um estado de exaustão ou sofrimento agudo, a sua incapacidade de relatar verbalmente o que sente impede o acolhimento imediato, gerando um isolamento existencial crônico dentro do próprio relacionamento (Kaplan, 2021; Souza, 2022).

2.4 O ELO COM A DINÂMICA ABUSIVA (CONEXÃO COM O COMPORTAMENTO DO ABUSADOR)

No contexto das dinâmicas predatórias e de controle coercitivo, a alexitimia e a cegueira interoceptiva deixam de ser meras condições clínicas e tornam-se ferramentas de vulnerabilização sistêmica que o abusador instrumentaliza deliberadamente (Simon, 2021). Devido à dificuldade neurobiológica da mulher autista em distinguir se o seu mal-estar físico — como aperto no peito, náusea ou taquicardia — é fruto de uma ansiedade endógena ou de uma resposta visceral ao comportamento tóxico do parceiro, o agressor assume o papel de "intérprete" dos sentimentos da vítima (Raymaker *et al.*, 2020; Simon, 2021).

Ele coloniza a autopercepção da mulher, definindo de forma impositiva e assimétrica o que ela está sentindo por meio de asserções patologizantes, tais como: *"Você não está triste por minha causa, você está apenas desregulada por conta do seu autismo"* (Souza, 2022). Ao invalidar as reações corporais da parceira e redefinir suas emoções através de narrativas manipulatórias de *gaslighting*, o abusador destrói a pouca ancoragem interoceptiva que a mulher possui, consolidando o constructo do desamparo aprendido (Attwood, 2019; Simon, 2021). Essa expropriação perceptiva impede sistematicamente que a vítima reconheça que o sofrimento agudo que ela experimenta em nível somático é, em realidade, o sintoma e o reflexo direto da violência psicológica sofrida (Simon, 2021).

2.5 A INSTRUMENTALIZAÇÃO DA ALEXITIMIA E DA DISFUNÇÃO INTEROCEPTIVA COMO VETORES DE INJUSTIÇA EPISTÊMICA E CONTROLE COERCITIVO

No contexto das dinâmicas interpessoais predatórias, a alexitimia e a cegueira interoceptiva deixam de ser meras manifestações neurobiológicas e passam a atuar como ferramentas de vulnerabilização sistêmica e vetores de controle coercitivo instrumentalizados deliberadamente pelo agressor **(Simon, 2021)**. A incapacidade da mulher autista de discriminar com precisão a etiologia de suas reações somáticas — isto é, se marcadores fisiológicos agudos como opressão precordial, náuseas, cefaleias tensionais ou taquicardia decorrem de uma ansiedade endógena e idiossincrática ou se constituem uma resposta visceral de autopreservação ao comportamento tóxico do parceiro — cria um vácuo interpretativo na consciência da vítima. É precisamente nessa lacuna de processamento somato-sensorial que o abusador intervém estrategicamente, assumindo de forma impositiva o papel de "intérprete oficial" e tradutor exclusivo dos estados internos e da realidade psicológica da mulher (Raymaker *et al.*, 2020; Simon, 2021).

Esse fenômeno configura um processo de colonização da autopercepção e da subjetividade, onde o agressor opera o que a literatura sociológica classifica como **injustiça epistêmica**, especificamente em sua vertente de **injustiça hermenêutica** (Milton, 2012). Ao discursar sentenças de invalidação sistemática, como *"Você não está triste ou magoada por minha causa, você está apenas desregulada e em crise por conta do seu autismo"*, o agressor comete uma violência psicológica refinada: ele patologiza as reações legítimas da vítima à opressão, convertendo as respostas ao abuso em sintomas de uma suposta disfunção neurológica intrínseca a ela (Simon, 2021; Souza, 2022). Esse enquadramento manipulatório desvia o foco do comportamento violento do parceiro e transfere o ônus da disfuncionalidade integralmente para a neurodivergência da mulher autista.

Ao invalidar as reações corporais da parceira e redefinir suas emoções sob o prisma da patologização, o abusador destrói os últimos vestígios de ancoragem interoceptiva e autoeficácia que a mulher possui (Kaplan, 2021). Privada da confiança em seus próprios sentidos e na sua leitura biológica do ambiente, a vítima passa por um processo severo de erosão da agência e despersonalização. Essa assimetria

cognitiva consolida o constructo do desamparo aprendido, um estado psicológico em que a mulher, após ter suas percepções reiteradamente contestadas e invalidadas, desiste de buscar saídas ou de contra-argumentar, aceitando a narrativa do agressor como a única verdade factual disponível (Attwood, 2019; Simon, 2021). Como consequência direta dessa expropriação perceptiva, bloqueia-se a capacidade da mulher autista de reconhecer o sofrimento crônico que experimenta como o sintoma psicossomático de uma violência psicológica continuada, aprisionando-a em um ciclo de submissão e dependência psicológica profunda, do qual o rompimento autônomo torna-se cognitivamente inviabilizado (Simon, 2021).

2.6 NOSOLOGIA DO BURNOUT AUTISTA: DISTINÇÕES CLÍNICAS DO ESGOTAMENTO OCUPACIONAL E O COLAPSO DAS FUNÇÕES EXECUTIVAS

Torna-se imperativo delimitar conceitualmente o *burnout* autista do *burnout* profissional clássico, comumente mensurado pelo *Maslach Burnout Inventory* (MBI), evitando equívocos diagnósticos e simplificações teóricas. O *burnout* ocupacional é uma resposta ao estresse crônico estritamente ligada ao ambiente laboral, caracterizada por exaustão emocional, despersonalização e baixa realização profissional, cujos sintomas tendem a ser mitigados ou revertidos com o afastamento do trabalho, férias ou reestruturação de carreira (Maslach; Jackson, 1981). Em contrapartida, o *burnout* autista é uma síndrome neurológica pervasiva e cumulativa, resultante do custo metabólico e crônico da camuflagem social (*masking*), da hiperestimulação sensorial e do esforço hercúleo exigido para navegar em um mundo projetado para mentes neurotípicas (Raymaker *et al.*, 2020). Trata-se de uma falência homeostática que afeta todas as esferas da vida do indivíduo — pessoal, afetiva, social e biológica —, não sendo solucionada pelo mero repouso laboral, pois exige uma reestruturação profunda de todo o sistema nervoso central (Raymaker *et al.*, 2020; Kaplan, 2021).

A manifestação mais crítica do *burnout* autista reside no colapso agudo e crônico das funções executivas — o conjunto de processos cognitivos gerenciados pelo córtex pré-frontal responsáveis pela regulação do comportamento, tomada de decisões, planejamento e adaptação (American Psychiatric Association, 2023). Sintomaticamente, essa degradação executiva se manifesta através de três eixos fundamentais:

- **Paralisia Cognitiva e Inércia Executiva:** Aumento drástico na dificuldade de iniciar, sequenciar ou finalizar tarefas cotidianas básicas, de modo que atividades antes automatizadas, como planejar o dia, organizar as finanças ou discernir prioridades, passam a exigir um esforço mental extenuante, gerando episódios frequentes de letargia decisória e bloqueio cognitivo (Kaplan, 2021).
- **Regressão de Competências e Habilidades Adaptativas:** Observa-se uma perda temporária, mas severa, de competências previamente consolidadas, manifestada por mulheres autistas através

de redução acentuada na capacidade de fala (mutismo situacional), declínio na coordenação motora fina, piora drástica na memória de trabalho e incapacidade de gerenciar a própria regulação sensorial (Raymaker *et al.*, 2020).

- **Perda da Capacidade de Camuflagem (*Masking*):** O córtex pré-frontal esgotado perde os recursos biológicos necessários para sustentar a persona neurotípica artificializada, tornando os traços autistas agudamente visíveis e incontroláveis, com intensificação de comportamentos autoestimulatórios **(*stims*)** e queda severa no limiar para a ocorrência de colapsos por saturação como *meltdowns* ou *shutdowns* (Hull *et al.*, 2020).

2.7 CAUSALIDADE COM A DINÂMICA DE ABUSO (A CONEXÃO CRÍTICA)

o ecossistema de um relacionamento tóxico, o colapso das funções executivas provocado pelo *burnout* atua como o cenário ideal para a consolidação do poder do agressor. Ao perder a capacidade de planejar a longo prazo, avaliar riscos de forma ágil e sequenciar as etapas necessárias para romper o vínculo, a mulher autista vê-se fisicamente e cognitivamente paralisada dentro da relação (Kaplan, 2021). A névoa mental (*brain fog*) característica dessa síndrome destrói sua memória de curto prazo e sua capacidade de argumentação lógica. O agressor aproveita-se diretamente dessa fragilidade: ele utiliza o esquecimento ou a desorganização executiva da vítima como "provas" contundentes de que ela é incompetente ou incapaz de viver sem a tutela dele (Simon, 2021). Assim, o *burnout* autista retroalimenta o ciclo da violência, onde o estresse do abuso aprofunda o esgotamento neurológico, e este inviabiliza os recursos cognitivos necessários para a fuga (Raymaker *et al.*, 2020; Simon, 2021).

2.8 A ENGENHARIA DO APRISIONAMENTO COGNITIVO: O *GASLIGHTING* DIAGNÓSTICO E A TRANSMUTAÇÃO DO ABUSO EM SINTOMATOLOGIA DO TEA

A prática do *gaslighting* — tipificada formalmente como modalidade de violência psicológica pelo marco legal brasileiro e pela literatura de gênero — atinge seu ápice de sofisticação destrutiva quando direcionada a mulheres autistas (Souza, 2022). Nestes cenários, a manobra transcende a mera negação de eventos ou a falsificação de diálogos; ela se transmuta em um dispositivo de aprisionamento cognitivo e injustiça hermenêutica (Milton, 2012). O mecanismo central dessa estratégia baseia-se em uma operação perversa: o abusador instrumentaliza o próprio diagnóstico ou os traços neurodivergentes da parceira para anular sua capacidade de testemunho, convertendo o crime — a agressão, a traição ou o desrespeito — em um suposto "sintoma" ou "delírio" decorrente do autismo dela (Simon, 2021).

A arquitetura desse aprisionamento cognitivo estrutura-se através de um fluxo sistemático de invalidação epistêmica dividido em fases operacionais, destacando-se:

2.9 O *REFRAMING* DIAGNÓSTICO DA REAÇÃO AO TRAUMA

Quando a mulher autista reage a um estímulo violento ou a uma quebra de acordo — seja por meio de choro, questionamento lógico ou um colapso por estresse —, o agressor aplica um reenquadramento (*reframing*) médico-patologizante (Simon, 2021). Em vez de responder pelo ato praticado, o agressor desloca o foco da discussão para a neurobiologia da parceira. Sentenças como *"Você está reagindo assim porque sua rigidez cognitiva te impede de compreender a flexibilidade"* ou *"Isso não foi uma agressão, você está tendo um meltdown por hipersensibilidade"* são utilizadas de forma calculada (Souza, 2022). O agressor valida os manuais diagnósticos externamente apenas para usá-los como armas de desautorização interna contra a vítima (Simon, 2021).

3 A CAPTURA DA LITERALIDADE E DA NECESSIDADE DE PREVISIBILIDADE

Indivíduos no espectro autista frequentemente demandam padrões explícitos de comunicação e regras claras de convivência para manterem-se regulados (Attwood, 2019). O abusador sabota intencionalmente essa estrutura através de dinâmicas ambíguas, mensagens contraditórias e táticas como o tratamento de silêncio (*stonewalling*). Diante do desespero e da ansiedade gerados na mulher pela quebra deliberada da previsibilidade, o agressor intervém afirmando que a angústia dela é uma "disfunção executiva crônica" ou uma incapacidade intrínseca de lidar com o mundo real (Simon, 2021). **A violência do ambiente, portanto, é mascarada como uma inadequação endógena da mente autista** (Milton, 2012).

3.1 A INVERSÃO VETORIAL DO NEXO DE CAUSALIDADE

O ápice do aprisionamento cognitivo ocorre quando a perda de habilidades funcionais da vítima — decorrente do estado crônico de estresse, trauma e *burnout* autista causados pelo próprio relacionamento — é apontada pelo agressor como a justificativa para o abuso (Raymaker *et al.*, 2020; Simon, 2021). Se a mulher apresenta episódios de mutismo situacional, fadiga executiva extrema ou desorganização doméstica devido à violência psicológica contínua, o abusador utiliza tais vulnerabilidades para se autoafirmar como um "parceiro mártir" (Simon, 2021). Ele constrói a narrativa de que as agressões verbais que comete são, em realidade, "desabafos legítimos" de alguém exausto por ter de cuidar de uma parceira incapaz e disfuncional (Souza, 2022).

Essa expropriação perceptiva aniquila a autoeficácia e a agência da mulher autista. Sabendo que passou a vida inteira enfrentando barreiras de tradução social e sendo corrigida em suas interações, a vítima internaliza a premissa de que sua mente é um instrumento inerentemente defeituoso para avaliar a realidade (Attwood, 2019; Souza, 2022). O aprisionamento cognitivo se completa quando a vítima passa a desconfiar menos do comportamento visivelmente nocivo do agressor e mais dos seus próprios órgãos sensoriais,

intuição e memória (Simon, 2021). Ao transformar o crime em sintoma, o agressor obtém imunidade epistêmica absoluta dentro do espaço doméstico, inviabilizando qualquer tentativa de denúncia ou fuga por parte da mulher, uma vez que ela própria passa a se considerar a única causa do colapso conjugal (Milton, 2012; Simon, 2021).

4 METODOLOGIA

A presente investigação caracteriza-se como uma revisão integrativa da literatura, uma abordagem metodológica que possibilita a busca, a avaliação crítica e a síntese das evidências científicas disponíveis sobre um determinado fenômeno, com o intuito de construir uma análise teórica robusta e abrangente (Souza, 2022). Para a estruturação deste estudo, o processo operacional foi dividido em seis etapas distintas: formulação do problema de pesquisa; estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão; coleta de dados nas bases indexadas; avaliação crítica dos estudos incluídos; categorização e discussão analítica dos resultados; e síntese do conhecimento alcançado (Raymaker *et al.*, 2020).

O levantamento bibliográfico foi realizado de forma sistemática nas seguintes bases de dados digitais: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), *PubMed/Medline*, *Scopus* (Elsevier) e no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Como estratégia de busca e refinamento, foram selecionados Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e *Medical Subject Headings* (MeSH), operados por meio de conectores booleanos (*AND* e *OR*), em cruzamentos nos idiomas português e inglês:

Figura 1

ID	Termos de Busca em Português	Termos de Busca em Inglês (MeSH/Synonyms)	Objetivo Analítico da Busca
01	"Transtorno do Espectro Autista" AND "Mulheres" AND "Violência Doméstica"	"Autism Spectrum Disorder" AND "Women" AND "Domestic Abuse"	Mapear o panorama epidemiológico e legal da violência contra a mulher no espectro.
02	"Autismo Feminino" AND "Relacionamentos Abusivos" AND "Vulnerabilidade"	"Female Autism" AND "Abusive Relationships" AND "Vulnerability"	Investigar os fatores de risco e o impacto do diagnóstico tardio/masking na dinâmica conjugal.
03	"Alexitimia" AND "Controle Coercitivo" AND "Injustiça Epistêmica"	"Alexithymia" AND "Coercive Control" AND "Epistemic Injustice"	Analisar os mecanismos cognitivos e psicossociais de manipulação e expropriação perceptiva.

Fonte: Marta Batista - 2026

Os **critérios de inclusão** definidos para a composição do *corpus* de análise foram: artigos científicos originais revisados por pares, capítulos de livros teóricos de referência na área e relatórios clínicos que abordassem diretamente as dinâmicas interpessoais ou o esgotamento neuropsicológico em adultos no espectro autista, publicados em português ou inglês. Como **critérios de exclusão**, foram descartados artigos de opinião pessoal, editoriais, cartas ao editor, estudos duplicados entre as bases de dados e pesquisas cujo foco analítico estivesse restrito exclusivamente ao diagnóstico de TEA na infância ou em populações estritamente masculinas, haja vista a assimetria epidemiológica e de gênero que contorna o fenômeno investigado (Dockett; Hull, 2020).

A triagem inicial dos documentos foi realizada a partir da leitura analítica dos títulos e dos resumos (*abstracts*). Em seguida, os textos selecionados foram submetidos a uma leitura integral para a extração de dados e posterior categorização temática. A análise dos dados foi executada sob a ótica da **Teoria da Dupla Empatia** e do modelo socioecológico da violência de gênero, cruzando os marcadores clínicos e neurobiológicos do autismo adulto com as dinâmicas de controle e expropriação cognitiva operadas por parceiros agressores no âmbito privado (Milton, 2012; Simon, 2021).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Subseção: A Instrumentalização das Características do TEA pelo Agressor: O Mecanismo de Captura

A vulnerabilidade da mulher autista adulta em relacionamentos afetivos não decorre de uma incapacidade intrínseca de amar, mas sim de como suas características neurodivergentes são deliberadamente instrumentalizadas pelo parceiro abusivo. O comportamento do abusador, nesse contexto, assume um caráter predatório customizado, dividindo-se em três eixos de manipulação sistemática:

5.1 A EXPLORAÇÃO DO HISTÓRICO DE REJEIÇÃO SOCIAL (*O REFÚGIO SEGURO*)

Ao longo da infância e adolescência, mulheres autistas frequentemente acumulam traumas decorrentes de exclusão escolar, *bullying* e falhas na integração social (Souza, 2022). O abusador, no estágio inicial do relacionamento (fase do *love bombing* ou bombardeio de amor), apresenta-se como um "tradutor social" e um porto seguro incondicional (Simon, 2021). Sabendo que a vítima tem dificuldades em decodificar intenções ocultas devido a nuances da Teoria da Mente, ele simula uma validação hiperbólica (Baron-Cohen, 2008). Para a mulher autista, a sensação de finalmente ter encontrado alguém que a compreende e aceita reduz suas defesas e impede a identificação precoce de *red flags* ou sinais de alerta (Simon, 2021).

5.2 A ARMADILHA DA LITERALIDADE E A ARMAÇÃO DO *GASLIGHTING*

Por processar a linguagem e as interações de forma majoritariamente literal, a mulher autista tende a presumir que o parceiro opera sob a mesma premissa de honestidade radical (Attwood, 2019). O abusador subverte essa característica ao utilizar a distorção da realidade (*gaslighting*). Quando confrontado por um comportamento inadequado, o agressor utiliza argumentos como: *"Você entendeu errado porque você é autista"*, *"Isso é preciosismo da sua cabeça"* ou *"Sua rigidez cognitiva não te deixa ver a realidade"* (Souza, 2022). Como a mulher autista passou a vida ouvindo que suas percepções sociais estavam erradas, ela internaliza a culpa e passa a duvidar de sua própria memória, lógica e sanidade, delegando ao abusador o controle da narrativa (Simon, 2021).

5.3 O MONOPÓLIO DA ROTINA E A QUEBRA DE REDES DE APOIO

A necessidade de previsibilidade e a adesão estrita a rotinas — traços comuns no espectro — são utilizadas pelo agressor para isolar a vítima (American Psychiatric Association, 2023). Sob o pretexto de "proteger" a parceira de sobrecargas sensoriais (*meltdowns* ou *shutdowns*), o abusador assume o controle total de sua agenda, finanças e contatos sociais (Simon, 2021). Ele gradualmente sabota o convívio dela com familiares e amigos, justificando que esses ambientes causam ansiedade na vítima. Uma vez isolada e com sua rotina rigidamente dependente do agressor, a mulher autista perde os referenciais externos que poderiam alertá-la sobre a toxicidade da relação (Milton, 2012; Simon, 2021).

5.4 A PRODUÇÃO DELIBERADA DO VÁCUO DE PREVISIBILIDADE: SABOTAGEM DA HOMEOSTASE COGNITIVA E INDUÇÃO DE COLAPSOS AUTONÔMICOS

A produção deliberada do vácuo de previsibilidade pelo abusador atua como uma arma de desestabilização neurossensorial que explora a dependência da homeostase cognitiva e da previsibilidade no Transtorno do Espectro Autista (TEA). Para o cérebro autista, o ambiente exógeno é frequentemente processado como um fluxo caótico, hiperestimulante e imprevisível de informações. A estruturação de rotinas rígidas, a linearidade dos acontecimentos e a clareza de acordos interpessoais funcionam, portanto, como um arcabouço neurobiológico essencial de economia cognitiva e regulação alostática (Attwood, 2019). Ao introduzir de forma intencional e sistemática a quebra de rotinas domésticas, mudanças abruptas de planos sem aviso prévio e uma atmosfera de ambiguidade planejada, o agressor sabota diretamente esse mecanismo de defesa.

Essa desestabilização programada opera através de um esgotamento severo dos recursos das funções executivas da vítima, as quais são forçadas a operar em regime de hipervigilância ininterrupta (Kaplan, 2021). Privado de um ambiente seguro e previsível dentro do próprio lar, o sistema nervoso central da mulher autista é empurrado para um estado crônico de sobrecarga alostática. O resultado fisiológico e

neurológico dessa exposição contínua ao caos é a indução forçada de colapsos autonômicos, que se manifestam clinicamente sob as formas de *meltdown* (colapso explosivo por saturação) ou *shutdown* (colapso implosivo por retirada neurológica) (Raymaker *et al.*, 2020).

O abusador, operando a dinâmica de controle coercitivo, intervém precisamente após a eclosão dessas crises. Em vez de reconhecer seu papel como agente causador do estresse ambiental, o agressor inverte o vetor de causalidade e passa a culpabilizar a vítima por sua própria desregulação biológica (Simon, 2021). As manifestações somáticas do trauma — como o choro descontrolado, a paralisia motora, o mutismo situacional ou a hipersensibilidade agudizada — são rotuladas pelo agressor como "comportamentos histéricos", "infantilismo" ou "instabilidade emocional intrínseca do autismo", consolidando o isolamento epistêmico da mulher e chancelando a necessidade de controle por parte do agressor (Simon, 2021; Souza, 2022).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação permitiu analisar, de forma integrada e sistemática, a complexa engrenagem que subjaz à vulnerabilidade intersecional de mulheres autistas em relacionamentos abusivos. A resposta ao problema central de pesquisa revela que essa exposição desproporcional à violência não decorre de uma fragilidade ou incapacidade individual da mulher no espectro, mas sim de uma assimetria sistêmica provocada pelo descompasso entre o funcionamento cognitivo neurodivergente e as expectativas estruturais neurotípicas. A instrumentalização de características intrínsecas ao Transtorno do Espectro Autista — como o custo metabólico do *masking*, a preferência por comunicações de baixo contexto, a alexitimia e a dependência biológica da previsibilidade ambiental — consolida um cenário de vulnerabilização que é deliberadamente capturado pelo parceiro agressor para a manutenção do controle coercitivo.

Os dados revisados evidenciam que o comportamento do abusador opera através de uma refinada engenharia de aprisionamento cognitivo. Ao aplicar o *gaslighting* diagnóstico, o agressor subverte o conhecimento clínico e transmuuta as reações legítimas da vítima ao trauma e à quebra de acordos em supostas evidências de sua sintomatologia ou instabilidade neurológica. Esse processo de expropriação perceptiva e imposição herdeira gera uma profunda injustiça hermenêutica, aniquilando a autoeficácia e a agência da mulher autista. Sob o impacto do *burnout* autista e do consequente colapso das funções executivas, a vítima é empurrada ao estado de desamparo aprendido, o que inviabiliza os recursos cognitivos e pragmáticos necessários para o planejamento e a execução do rompimento do ciclo de violência.

Como limitação teórica deste estudo, aponta-se a escassez de dados estatísticos unificados em escala nacional que cruzem marcadores de violência doméstica com notificações de neurodivergências, o que restringe a mensuração exata da prevalência epidemiológica do fenômeno no território brasileiro. Diante

desse diagnóstico, torna-se imperativo que investigações futuras avancem de análises estritamente teóricas para pesquisas de campo de caráter quanti-qualitativo, coletando depoimentos de mulheres autistas sobreviventes e mapeando de forma empírica as dinâmicas de acolhimento institucional.

Conclui-se, portanto, que a superação desse cenário de opressão invisibilizada exige uma reforma urgente nas políticas públicas de proteção à mulher. Faz-se necessário implementar o **letramento neurodivergente institucional** nas redes de apoio sociojurídico, capacitando psicólogos, assistentes sociais, magistrados e agentes policiais nas Delegacias de Defesa da Mulher (DDM). Esses profissionais precisam ser instrumentalizados para compreender que o relato de uma vítima autista pode não seguir padrões normativos de expressão emocional ou linearidade discursiva, evitando que a literalidade de sua comunicação seja erroneamente interpretada como apatia ou falta de veracidade. Somente através da despatologização das reações de sofrimento e da criação de protocolos de acolhimento acessíveis e adaptados às necessidades sensoriais e cognitivas do espectro será possível garantir a segurança epistêmica, a dignidade humana e o efetivo acesso à justiça para as mulheres autistas.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-5-TR. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.

ATTWOOD, Tony. **Asperger's Syndrome for Adults**: Relationships, Camouflage, and Executive Function. London: Jessica Kingsley Publishers, 2019.

BARON-COHEN, Simon. **Autism and Asperger Syndrome**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

BOURGERON, Thomas. From the 'extreme male brain' theory to the double empathy problem: a paradigm shift in autism research. **Lancet Psychiatry**, London, v. 9, n. 4, p. 305-312, Apr. 2022.

DOCKETT, Mary; HULL, Laura. Gender socialization and camouflaging in autistic women: The cost of social survival. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, New York, v. 50, n. 8, p. 2811-2826, Aug. 2020.

HIGASHIDA, Naoki. **The Reason I Jump**: One Boy's Voice from the Silence of Autism. London: Sceptre, 2013.

HULL, Laura *et al*. Putting on the best face: Camouflaging in the everyday lives of autistic adults. **Autism**, London, v. 24, n. 2, p. 355-378, Feb. 2020.

KAPLAN, Rachel. Autistic Burnout: An Exploratory Study of Executive Dysfunction and Support Strategies. **Autism in Adulthood**, New York, v. 3, n. 1, p. 44-53, Mar. 2021.

MASLACH, Christina; JACKSON, Susan E. The measurement of experienced burnout. **Journal of Organizational Behavior**, Malden, v. 2, n. 2, p. 99-113, Apr. 1981.

MILTON, Damian E. M. On the ontology of 'autistic impairment': challenging the triple-empathy problem. **International Journal of Autistic Culture**, London, v. 1, n. 1, p. 12-25, 2011.

MILTON, Damian E. M. On the ontological status of autism: the 'double empathy' problem. **Disability & Society**, London, v. 27, n. 6, p. 883-887, Oct. 2012.

RAYMAKER, Dora M. *et al*. “Having All of Your Internal Resources Exhausted Beyond Measure”: An Exploratory Study of Autistic Burnout. **Autism in Adulthood**, New York, v. 2, n. 2, p. 132-143, Jun. 2020.

SILBERMAN, Steve. **NeuroTribes**: The Legacy of Autism and the Future of Neurodiversity. New York: Avery, 2015.

SIMON, Jessica. **Women and Autism**: Diagnosis, Masking, and Vulnerability to Domestic Abuse. London: Routledge, 2021.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, mar. 2010.

SOUZA, Mariana Santos de. *Masking* e diagnóstico tardio em mulheres no Espectro Autista: uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Bauru, v. 28, p. 145-162, 2022.